

REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Círculo, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. teleg. Talhava — Lisboa • Telefone : ?
Oficinas de impressão : Rua da Atalaia, 134

A REVOLUÇÃO ALEMÃ E OS SEUS ENSINAMENTOS

NOTAS & COMENTARIOS

O histerismo

Quando algum pá-
da D. Adriana ria, assediado pela
fome, se atira, num
gesto irreflexivo, a
qualquer mercadoria pançudo e lhe rouba
a carteira, aí, em geral mais criminosa
ainda, tenta remediar o crime com
outro crime — atira com o desgra-
çado, que rebentava de fome na metró-
pole, para a costa de África, onde
vai rebentar geralmente com uma bilio-
ria. Uma D. Adriana planeia um crime
com todos os pormenores. Alicia-
gente e desti- prémios, no intuito con-
fessado de herdar uma fortuna... Isto
é... histerismo. Não vai parar à África.
Vai para uma casa de saída.

Admitimos o histerismo, assim como
atribuímos a qualquer doença mental a
premeditação do crime.

Mas não tivesse a D. Adriana meios de
fortuna...

E' que o histerismo, em questões de
justiça, só existe quando se trata de
ricos.

Sherlock Holmes

Muito aprende-
ram os amigões do
alheio com a leitura das aventuras do
grande detective inglês! Não é menos
certo também que os polícias delas
têm tirado bom proveito. Notámos
muito que o hábil agente Custódio das
Dores segue as pisadas do grande mestre
a ponto de, para descobrir o crime
tenebroso tramado pela D. Adriana se
disfarçar em comerciante de vinhos (já
sabíamos que o comércio lhe está mais
à feição) e andar a intrujar os comerciantes
do norte, levando as cabeleiras
e as barbas do Nascimento Fernandes,
fazendo enfim por lá várias palhaçadas
que muito bem ficam a um representa-
nte da autoridade.

Este podia ter-se metido num combóio, com o seu traje de viagem, como
qualquer mortal alugar depois uma
carripana e ir à Vila Verde tratar dos
seus negócios como qualquer comerciante
sem barbas. Mas não. O fino de-
tectivo que não usava cabeleira loura, nem
os seus parvos, mas sob a influência das próprias condições produzidas,
pela situação alimentar, financeira, económica e psíquica.

Este resultado inevitável da guerra era do conhecimento de todos os sócios-
egos, e dos que possuíam a suficiente serenidade de espírito para verem, com-
pararem, raciocinarem e deduzirem. Desde Julho de 1915 que eu o afirmei aos
meus ouvintes do King's College (Universidade de Londres), e desde 1916 que o
exibi nas minhas *Líções da Guerra Mundial*. Para quem sabia ver, logo que
a guerra rebentou o mundo marchava para uma revolução geral. Por este mo-
do, os sociais-democratas, os comunistas-anarquistas, os socialistas de todas as
escolas, e até os simples democratas, deviam desejar que a luta prosseguisse-
se ao fim, isto é, até ao momento em que os povos da Alemanha, sob a pres-
são exterior inimiga, quebrassem a armadura autocrática do mundo capitalista.
I, até por este motivo dos democratas e socialistas deverem desejar o prossegui-
mento da luta até ao fim, os reacionários e os conservadores de qualquer nuan-
ça e deviam, por seu turno, desejar uma paz rápida, imediata, imposta, quaisquer
que fossem as condições.

Mas sucedeu o contrário, com desprezo dos interesses de classe, porque as
massas dirigidas são guiadas mais pelos sentimentos do que pelo raciocínio, e
porque os dirigentes são, pelo exercício da própria direcção, mais ou menos em-
brutecidos. Os apóstegos de Kant e de Nietzsche sobre o embrutecimento
produzido pela detenção do poder são verdadeiros e se-lo hão sempre.

Naturalmente o mundo capitalista está bem solidamente construído para que
não se desmorone rápidamente. Tantas forças ainda o amparam! E
até mesmo entre os democratas e os socialistas.

O terror perante o cataclismo revolucionário, a falta de confiança em si
mesmo, os triunfos dos obstáculos da reacção e das dificuldades da revolução, a ausen-
cia de coragem e de audácia, a loucura de seguir antigos trilhos, o poder do
habito, sem falar de interesses individuais, tais como o desejo de conservar lu-
gares e situações, são forças que impelem os homens a imporem-se à revolução,
a querer o edifício oscilante da actual sociedade. Mas estas forças não são
suficientemente poderosas para inibirem por completo o movimento revolu-
cionário. Os acontecimentos, as condições económicas impelem a humanidade com
o poder mais forte. Arrastam-na contra os desejos a própria vontade dos di-
rigentes e a placidez das massas. O sociólogo encontra-se em presença de cor-
rentes internas extremamente poderosas, de vagas profundas, de que não pode
ainda separar todas as causas. Mas o que ele sabe é que toda a resistência é vã,
e que só consegue exasperar e intensificar o poder destas correntes.

E' verdade que estas correntes sofreram paragens sob o dique das forças de
defesa. Mas sabe também que bem depressa elas romperam o dique e prosse-
guiram com mais força ainda. O menor incidente basta para provocar estas
rupturas. E este incidente é sempre provocado pelos próprios dirigentes, que se
mostram cegos e surdos. Embretucidos pelo exercício do poder põem toda a sua
confiança no terror na pressão para governarem os homens. E da facilidade
com que tem sabido explorar o rebanho humano, concluiram que esta facil-
idade existe de facto e durará sempre, suceder o que suceder. Isto tem sido uma
grande fonte de erros psicológicos que tem levado os dirigentes das potências
centrais, desde o estalar da guerra e durante a própria guerra e os dirigentes
das potências aliadas e associadas, desde Novembro de 1918, a uma série ininter-
rompida de erros da mesma ordem, porque tem desprezado as forças ideológicas,
ignorado o poder de um ideal que vem penetrando as almas humanas.

A revolução alemã de Novembro de 1918 e do começo de 1919 foi paralisada
no seu desenvolvimento pelos governantes sociais-democratas. Estes mantinham
nos todos os quadros administrativos e todo o funcionalismo. Julgaram poder
construir sem previamente demover. Quizeram fazer uma remendagem, o que
é uma concepção absurda que havia de conduzir inevitavelmente a uma sus-
penso da revolução, seguida de ensaios de retrocesso. Lénine, esse teve o cui-
dado de se não deixar cair, no erro cometido por Kerensky por outros. Sa-
iba, porque é um homem de Estado, que primeiro é preciso destruir se se quere
estabelecer uma nova forma de sociedade. Operada a destruição, começa-se então
a reconstruir. Naturalmente cometem-se erros, e só depois de muitos ensaios,
uns bons, outros maus, que as coisas começam a assentir e a estabilizar.

Todos os que desejam o progresso devem primeiramente que tudo querem de-
molir, fazer tabu ras, e edificar em seguida, modificando a construção. E é aliás
este o processo seguido pelo inventor, pelo cientista nas suas pesquisas e nas
sua descobertas, no seu trabalho original e construtivo, com o qual se impõe a
inteligência.

Por incompreensão deste processo, a revolução alemã tem marcado passo.

As aparições enganaram os dirigentes militaristas. Estes acreditaram que o es-
pírito de obediência e de servilismo novamente tinha tomado posse das almas, e
por isso se abalançaram ao golpe do Estado de Março de 1920. Mas ao fazermos
isto, deram um novo impulso à revolução adormecida. Por toda a parte, com exceção talvez da Gran-Bretanha, os reacionários e os conservadores são ma-
ravilhosos semeadores da revolução violenta. E esta sementeira são muito su-
periores aos revolucionários. A sua semente é de factos; a dos revolucionários,
palavras. Os factos são mais poderosos que o verbo.

E' a revolução alemã que se há desenvolvida em toda a plenitude? Evidentemen-
te que o governo dos socialistas maioritários há de ensaiar canalizá-la, e mesmo
de la. Consegui-lo há?

Com certeza, que não. Talvez consiga retardá-la, o que será nocivo a toda a
humanidade, porque prolongará a duração da produção inferior, mantendo
o círculo acima com o seu desordenado consumo. E por outro lado é eviden-
te que este atraso será um motivo de expansão em superfície e em profundidade
das diversas condições revolucionárias. E assim, no meio de paragens aparentes
de sobressaltos diversos, a revolução ir-se há desenvolvendo em toda a sua
amplitude. Mas naturalmente esta amplitude é condicionada pelo estado psi-
quico das massas: uma média entre a vontade dos operários e a vontade dos
camponeses, sempre um pouco atrazados em relação ao mundo operário, por
causa das suas próprias condições de vida.

A revolução de Novembro de 1918 foi detida pelos governantes alemães,
com o apoio dos governantes aliados, que contavam com o militarismo alemão
para pôr um dique ao bolchevismo russo. Na sua cegueira, os dirigentes aliados
não viram que isso seria animar o desenvolvimento do militarismo alemão,
ameaçador para eles próprios. Viram então o efeito produzido, ficando sur-
preendidos, um pouco mal dispostos e até amedrontados. Repetiu-se a história da
galinha que tinha chocado ovos de pato.

A tentativa de reacção dos militares profissionais provocou o movimento ope-

rário revolucionário, mais ou menos comunista, e é difícil, pelas informações
que tenho, averiguar a realidade do que se passa na região de Westfalia. Para
o governo de coligação do Reich, ta sua vontade seria sufocá-lo, mas não o pôde
fazer. Para isto era-lhe preciso poder enviar tropas a esta região, o que lhe é
interditado pelo tratado de Versalhes. Os governantes ingleses, italianos e americanos,
mostrar-se hão dispostos a darem autorização, mas o governo francês
de opôr-se ou querer como garantias que lhe seja concedido ocupar as ci-
dades sobre a margem direita do Reno, o que não querem nem os aliados, nem
o governo do Reich. De modo que as causas far-se-hão em condições favoráveis
aos vermelhos. Ironia dos factos! Os reacionários e os militares profissionais
franceses favorecendo os revolucionários alemães! Nova confirmação do facto.
E' que os melhores propagadores da Revolução são os que a pretendem im-
pedir.

O esforço dos reacionários militaristas fracassou porque se chocou contra
a vontade dos operários. Estes fizeram uso da sua arma: a greve geral. Esta ar-
ma, no actual estado de coisas, absolutamente irresistível. Porque com efeito,
provoca muito rapidamente a fome, pela falta de transportes e pela ausência de
estocas. E isto é uma condição do triunfo certo da revolução.

E' um erro de raciocínio o de certos teóricos revolucionários, quando sus-
tentam que a revolução só se poderá efectuar num período de plêthora econô-
mica, de super-produção. Nesta ocasião, a arma da classe operária — a greve
geral — estava embotada. A classe possuidora teria estocas para consumir, po-
deria esperar, fazer durar a resistência, enquanto a classe operária o não
poderia fazer. Em período de infra-produção, de não existência de estocas, a si-
tuacão é outra: a classe possuidora, por não estar tam habituada à miséria co-
mo a classe operária, mais facilmente se esioneará e cederá, portanto.

A greve geral, mesmo a de simples braços cruzados, é irresistível. Osacon-
tecimentos britânicos de 1919 — e tratava-se dum simples ameaça — e os da Ale-
manha em 1920, bem o demonstraram. O que prova quanto razão nos assistia
a mim e a Fernand Pelloutier, em 1894-95, quando sustentávamos esta opinião
em oposição aos socialistas franceses.

A greve geral alemã veio confirmar a indispensabilidade do trabalho ma-
nual, a dos transportes e a das minas, que a guerra já tinha posto em foco. Ela
reveiou a coragem, a força moral, a imensa solidariedade da classe operária
tendo uma plena noção dos seus interesses de classe, que corresponde na reali-
dade aos interesses reais dos indivíduos. Nisto há uma esplendida lição de cou-
sas que todos deviam meditar: os salários de qualquer espécie, engenheiros,
administradores, homens de trabalho, etc. Se todos compreendessem esta li-
ção, menos sangue, menos dores, menos sofrimentos se espalhariam sobre a

humanidade nesta gestação inelutável dumha nova sociedade mais livre, mais so-
lidária, mais igualitária.

Paris, 3 de Abril de 1920.

Augusto Hamon.

Paris, 3 de Abril de 1920.

Sobre um gesto digno

O camada redactor principal de *A Batalha* foi enviado, conforme neste jornal já se referiu, pelos artistas do teatro do Ginásio, um protesto contra certas expressões do meu artigo aqui publicado em 29 do mês passado.

Ressalvando a consideração que pessoalmente me merecem alguns dos signatários, cuja evolução estética tenho acompanhado, direi que acho descabido, ilógico e incoerente o seu protesto.

Sem querer da atenção que os restantes signatários me possam merecer, pareço-me que o protesto que colectivamente assinaram me serviria, se quisesse explorar-lhe o lado cômico, a retorquia com algumas alegres e sadias facécias. Não o farei, todavia.

Não se assuste ninguém. Não se vão desembainhar espadas, não vai correr sangue — apenas vão correr algumas prosaicas gotas de tinta. Porque, meus senhores, nenhum de nós é demais neste mundo, visto contribuirmos todos para a manutenção desta sociedade, velha e corrompida, com o tributo cada vez mais exaustivo, do nosso trabalho.

Basta, porém, de preâmbulo, e entremos de chofre no assunto.

Isto não passa, a meu ver, dum equívoco, que depois de esclarecido com toda a nossa boa-vontade devemos com sinceridade lamentar.

Eu não insultei a classe dos artistas dramáticos.

É nas linhas com que comentei a atitude da atriz Amélia Ruy Colaco, outra intenção não tive que a de defender a honestidade profissional da classe dos artistas dramáticos.

O que eu não creio é que todas as artistas sejam capazes de semelhante atitude, porque nem todas temem, dentro da sua profissão, consciência artística, que lhes determine a dignidade profissional que todos os verdadeiros artistas devem ter.

Ninguém ignora que existem, de facto, audaciosamente, cincicamente rotuladas com o nome pomposo de artistas, certas criaturinhas que em questões de dignidade fornecem interminável assunto para a maledicência dos cavacos de cafés. Todos sabem igualmente que uma onda de corrupção, que de época para época se avoluma, invadiu também o teatro.

O que eu lamento, o que ainda lamentarei e amargamente é que o teatro tenha como porteiro um S. Pedro que abre com complicância a porta a muitos pecadores que nunca, para bem da classe dramática, lá deviam ser consentidos.

De resto não opõem os elementos masculinos que compõem a pouco homogênea companhia do Ginásio nada que destrua as minhas afirmações.

E só quando me apresentarem provas bem concretizadas, muito claras e muito convincentes, que destruam tais afirmações é que eu retirarei o que disse. Mas não creio que o possam fazer. Oxalá que eu me tivesse enganado.

Também Amelia Rey Colaco, em carta dirigida a este jornal, se manifestou ao lado dos seus colegas, que com tâmboras intenções e tamanha infelicidade se lembraram de protestar.

Naturalmente ela julga que eninsitei a dignidade pessoal e profissional de artistas que, como Lucinda Simões, merecem a todos o maior respeito e uma grande consideração, porque de outra forma não posso compreender que esteja em desacordo comigo, quando é certo que ela foi, com o seu revolto gesto, muito mais irreverente do que eu fui com o meu pobre e descolorido artigo.

Terminarei por dizer que não sou nem quero ser um subdito do maior-empresário e não vou agora, para lhe ter agrado, desmentir o que em si, o que todos sabem, ser uma verdade irrefutável.

Rejeito semelhante cumplicidade e reservo para mim todas as responsabilidades que as minhas afirmações possam acarretar.

Cristiano LIMA.

A "lita" de ontem no Campo Pequeno

Querendo talvez igualar-se aos brutos que iam ser lidados na praça do Campo Pequeno e, desejando apanhar a serra e o tirar o sabor à brutalidade, apanharam, alguns grupos apatumados e contrários no cavaleiro José Casimiro, promovendo grande conflito naquele local, que teve严重as consequências.

Nesse conflito foram atingidos por tiros, respectivamente, o Cavaleiro José José e sr. Alberto dos Santos Forte, de 47 anos, maior da Administração Militar e residente na rua Alexandre Herculano, 85, 3.º que ficou ferido na cabeça e recolheu a casa; António dos Santos, de 59 anos, guarda-pálio e residente na rua das Graças, 72, 3.º que ficou ferido na palma da mão direita, pelo que recolheu igualmente a casa; Henrique dos Santos Costa, de 35 anos, viúvo, empregado do comércio na casa Gonzalez & Priz, rua dos Douradores, e residente na rua de Santa Bárbara, 51, 1.º que ficou ferido na perna direita; o Cavaleiro, pelo que faleceu momentos depois, entrar na enfermaria de Sousa Martins.

Antes de se dirigir ao Campo Pequeno, tinha ido ao cemitério do Alto de S. João depôr ramos de flores sobre as sepulturas de seu pai e de seu irmão, que faleceram recentemente, e tentavam que se fizessem a sua sepultura.

Este facto demonstra bem como é encarada a semana, com sua família para Elvas, a fim de visitar também a campa de seu irmão, Mário dos Santos Costa, que também ali faleceu há pouco tempo.

O falecido que recolheu a casa mortuária do falecido, e depois reconhecido por seu pai, Mariano Ribeiro Costa, antigo empregado de praça da casa Vale do Rio & Comandita, na rua dos Douradores.

Os feridos foram tratados no Banco p.los cirurgiões de serviço srs. José Pires e Vasco de Lacerda, coadjuvados pelo enfermeiro Oliveira.

Classes gráficas

Para tratar da continuação do movimento pró-aumento de salário e apreciar a conduta de alguns industriais, reuniu-se hoje, pelas 21 horas, em assembleia magna as classes de compostores, impressores, encadernadores e anexos.

MÚSICA

Há o maior e o mais justificado entusiasmo para série de concertos, que a comerciará a feira de artesanato no Nacional o ilustrado Vianinha. Viana da Mota, que, numa série de quatro sessões, executa os sonatas de Beethoven, entre as quais está incluída a 106, que é a mais grandiosa e difícil, constituindo um adágio que é dos mais sublimes do famoso compositor.

Para este concerto, que vai dar uma noite artística na noite da S. Joaquim, continua, aberta a assinatura na bilheteira do Nacional, sendo elevadíssimo o número de lugares já tomados pela nossa primeira societade.

Incoerência ou quê?

Os deportados do Brasil II — Prisões que se mantêm e novas capturas

Mandou o governo pôr em liberdade os operários expulsos do Brasil que se encontravam, há tempos, no forte de Sacavém. Tarde, é certo, mas mesmo assim reconheceu a flagrante injustiça de que eram vítimas aqueles camaradas, que outro crime não cometem que o de pensarem livremente e terem dedicado à causa dos trabalhadores o melhor dos seus esforços e da sua inteligência. Mas, como na presente conjuntura tudo isto é o suficiente para constituir um dos mais terríveis libelos acusatórios, ninguém, que assim procede, pode esquivar às amabilidades dos governos, que encontram ocasião asadas para pretender esmagar aqueles que temem a franqueza e a alívio de pôr-nos a nôs processos malignos da sociedade.

Porém, tendo o governo dêste país mandando dar liberdade aos camaradas expulsos pelos governantes cariocas e que se achavam no forte de Sacavém, não compreendemos o motivo por que igual ardor não foi dada: para os deportados de Cabo Verde, que são acusados precisamente do mesmo crime.

A estas contradições policiais ainda a ajuntar a que se oferece em relação aos operários que há poucos dias, vindos do Brasil, chegaram no paquistão *Demerara*, os quais, pelo delito de serem propagandistas de ideias novas, nenhuma por outra causa, foram encerrados nos calabouços do governo civil, onde se encontram.

Ora, é de boa lógica — e com isso só o governo daría uma prova de querer ser consequente — mandar imediatamente regressar a metrópole os camaradas deportados e que nas regiões africanas se vêem desinhando lentamente pela charanque dos S. África, rólias do «reconstituinte» (não confundir com o oleo de figado de bacalhau... a patata...)

A manifestação de hoje, por virtude de ser sábado, foi um pouco prejudicada conservando-se o comércio aberto, mantendo, entretanto, a cidade um aspecto estranho, com a vida paralisada quase em absoluto.

PAZ ARMADA

Teatro da Trindade

Empreza Taveira Companhia Carlos Leal S. F. L.

Hoje e sempre Hoje e sempre

a revista de extraordinário sucesso

PAZ ARMADA

Soberbas criações da actriz MARIA LITALY

Notável desempenho dos artistas DEOLINDA DE MACEDO, CRIMILDA TORRES & CARLOS LEAL

Os compêares por EVAN VIÇOSO e MARTINS DOS SANTOS

Enchentes todas as noites — Linda música

Aviso importante

Em virtude do grande sucesso desta peça, a Empreza resolreu que fiquem

Suspensas as entradas de favor

PAZ ARMADA

Renda o 1.º de Maio

EM ÉVORA

Realizou-se um comício de protesto contra a atitude dos governantes e dos patrões. Crítica à ação e às promessas dos políticos

E'vora, 1.º C. — Logo de manhã apareceram afixados nas paredes, manifestos alusivos à data a comemorar: a data que encche os corações da massa sofrida nos processos malignos da sociedade.

Convidava-se o povo a assistir ao comício a realizar no Teatro Garcia de Resende — réplica, d'arte e justificado encontro dos habitantes da E'vora ou *Liberdade Julia* dos romanos — onde oito dias antes se havia efectuado a charanque dos S. África, rólias do «reconstituinte» (não confundir com o oleo de figado de bacalhau... a patata...)

A manifestação de hoje, por virtude de ser sábado, foi um pouco prejudicada conservando-se o comércio aberto, mantendo, entretanto, a cidade um aspecto estranho, com a vida paralisada quase em absoluto.

O comício

Eram 15 horas precisas quando o secretário geral da U. S. O., o simpático decaido dos militares locais, abriu a sessão a que secretariaram Simão dos Santos, dos Couros e Peles, e Tomaz António, dos Rurais.

Depois de um breve discurso do presidente da comissão, foi dada a palavra ao secretário geral do Sindicato Único da Construção Civil, José Alcântara, que, com grande entusiasmo, agradeceu a todos os presentes a participação dos camaradas do «reconstituinte».

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.

Assembleia geral de direção e de secretários de delegados, foi nomeada uma comissão de melhoramentos e de propaganda, com o objectivo de apoiar os operários.